

CASA DO CARNAVAL: A DINÂMICA DA MEMÓRIA

Carmem Lélis¹

(Assessoria Técnica de Políticas Culturais – SECULT)

Submetido em 20/06/2022
Aceito em 04/07/2022

É ousado, mas real, situar o Centro de Formação, Pesquisa e Memória Cultural Casa do Carnaval como um lugar onde “memória” é palavra potente de elucidação das dinâmicas culturais e de um pulsante movimento gerador e inventor das tradições. É, de certa forma, aguçar os sentidos e as significâncias das dimensões da Cultura, em sua complexa e potente abrangência.

Os conteúdos artístico-culturais, identificados como visões de mundo, cidadania, pertencimentos e níveis diversos de sociabilidades, constituem ferramentas estratégicas na construção de acervos que, além de registros documentais (narrativas, ofícios, fazeres e saberes), impõem-se como atribuição de valores partilhados com fazedores (brincantes) da cultura popular em um tempo/espaço dialógico.

Inseridos como agentes diretos e parceiros junto ao corpo técnico do espaço, os artistas se reconhecem com voz e vez nos processos de elaboração, na escuta, projetos de produção e reprodução das ações, mostras, exposições, participação em seminários e entrevistas. Uma experiência exitosa que se referenda na intimidade das relações, geradas, inclusive, pela apropriação do espaço físico, reconhecidamente lugar de memória afetiva.

A criação e acumulação dos acervos da Casa do Carnaval propõe uma via de mão dupla, concretizada por uma sistemática de encontros, envolvendo indivíduos e grupos, para refletirem sobre seus fazeres artísticos, em apresentações de rodas de mestres e mestras, declararem suas demandas quanto ao conceito de tradição e mudanças e participarem ativamente do resultado das exposições, sejam as apresentadas nos grandes ciclos festivos, sejam as que celebram personalidades e temas atemporais.

¹ Historiadora/Pesquisadora.

Essa ocupação e acolhimento do espaço físico como extensão dos seus próprios territórios, assim como a confiança e apropriação, agregam reconhecimento e territorialidade, ampliando, dessa forma, um forte sistema simbólico que permeia as ações socioculturais e se faz imprescindível em seu status político e econômico, confirmando-se recurso basilar para o desenvolvimento e apreensão de conteúdos, desde a historicidade até as relações de empoderamento e construção social.

Situada no Sítio Histórico do Recife, entre os bairros de Santo Antônio e São José, a Casa do Carnaval precisa, fundamentalmente, ser identificada como equipamento prioritário, entre os bens patrimoniais e as derivações próprias ao Patrimônio, frente aos seus sujeitos, aos processos de gestão e promoção cultural. Evidencia-se aqui o território como lugar de memória, na perspectiva do abraço entre patrimônio imaterial/material e as relações entre os sujeitos patrimoniais – comunidade e sentido dos bens para esses sujeitos. A revelar os valores entre as manifestações, as construções e o espaço, que dão sentido de território e territorialidade.

Apesar das transformações urbanas, o Pátio de São Pedro, onde está situada a Casa do Carnaval, convive com permanências: seu casario colonial; a Concatedral de São Pedro dos Clérigos, de arquitetura barroca e neoclássica; a população remanescente do pequeno comércio que ocupa as áreas centrais do Recife; a memória afrodescendente, marcada pelas primeiras casas de candomblé da cidade, pelos Clubes e outras agremiações Carnavalescas. Um lugar de fé e de festa, encontro da boemia, de intelectuais e de apresentações artísticas de brincantes populares, que reafirmam sua força identitária e étnica, onde se situam desde as práticas religiosas da igreja católica até às de matriz africana e afro-indígenas.

Assim, em consonância com as vozes de diferentes agentes, circularmos, naquele entorno, pelas dimensões históricas, geográficas, sociais, políticas, artísticas e simbólicas, que permeiam essa urbe de encontro, com a oportunidade de participar dos anseios, sonhos e das múltiplas e mutantes identidades culturais.

O Pátio foi força propulsora nos processos de formação social do Recife, desde a Colônia, e lugar onde a ocupação humana, do séc. XVI em diante,

transforma e possibilita a configuração e compreensão de um espaço de convivência, marcado pela diversidade de sujeitos e seus papéis na urbanização, nas relações de poder e desenvolvimento.

Numa perspectiva ampliada, a Ilha de Antônio Vaz é centro de urbanização e ocupa destaque no período Holandês (1630 a 1654). Os bairros de Santo Antônio e São José representam patrimônios e referendam a memória europeia: nos estilos arquitetônicos de época, os mais rebuscados até o colonial; nos grupos étnicos distintos e suas contribuições; na religiosidade hegemônica católica, seus templos e manifestações (procissões e festas de cunho eclesiástico); e nos resistentes sagrados de origem afro-brasileira (candomblê) e de origens indígenas (Jurema Sagrada).

Lugar do “eu” e do “nós”, patrimônio do povo a memorar pretéritos, presentes e futuros, a Casa do Carnaval se representa na força das culturas populares e seus fazeres artísticos, tendo papel importante na criação de estratégias no campo do desenvolvimento cidadão; na construção permanente de registros orais; na revisão e desconstrução de preconceitos e apagamentos propositais. Em suas várias dimensões, celebra uma gestão democrática, que demarca um lugar privilegiado quanto à metodologia aplicada no cumprimento dos seus objetivos e metas.

A experiência de elaboração de um plano de trabalho, lastreado por um processo permanente de escuta, discussão colegiada de cunho interdisciplinar e pedagógico, envolve atores internos (corpo técnico) e externos, como destinatários primordiais, visando o exercício da emancipação cultural.

Os conteúdos e a atuação do Centro de Formação, Pesquisa e Memória Cultural Casa do Carnaval materializam-se, na potência das expressões do Recife, como ferramenta. Alcançando muito além do contorno meramente contemplativo, mas com vocação natural e aberta às múltiplas intervenções, diretamente atreladas ao desenvolvimento em todas as áreas da construção e desenvolvimento humano.

Memória é estratégia e repertório, força que desencadeia universos pessoais e coletivos, revelados organicamente, reivindicando o direito à fala comum. Manifestados e compartilhados em constante diálogo, o passado e o presente são fórmulas não só de rememorar, mas principalmente de ressignificar, buscando o

subjetivo e o objetivo das memórias em suas dinâmicas. Cultivar legados é uma forma de expandir a natureza simbólica, em uma linguagem de conteúdos cognitivos e afetivos, inerentes à construção cotidiana da vida museal, com a finalidade última e primeira do acolhimento ao frequentador, seja ele pesquisador, visitante ou fazedor, mas sempre participe desse processo.

Por fim, e como mote para não perder-se de vista a Cultura, em seu viés de arte e de imersão para desenvolvimento e empoderamento, ousamos afirmar que a Casa do Carnaval, em sua ação museal e arquivística, abraça e atua, na circulação intercultural, aglutinando influências e norteando temas para discussão e experimentação comunitárias, que primam pela construção cotidiana da festa como espelho e reflexo do dia a dia daqueles que a vivem, produzem e entendem ser a culminância apenas o produto final, que recomeça antes mesmo que ela se encerre.